

“Ninguém manda no que a rua diz”: etnografia da paisagem humana na cidade de Porto Alegre (RS) a partir do *graffiti*

ANANDA ANDRADE DO NASCIMENTO SANTOS*

MARIZE SCHONS**

34

Resumo: A investigação trata de uma reflexão sobre como a prática do *graffiti* vem interferindo na paisagem da cidade de Porto Alegre (RS). Os *graffitis* são tomados como marcas que sinalizam e grafam os estímulos dos indivíduos que atravessam a cidade, sendo que a própria trajetória desses indivíduos, suas formas de sociabilidade e expressões são rastros, a serem seguidos posteriormente, que podem nos dar acesso à construção de um olhar denso sobre a prática sem no entanto cristalizá-la, dada a sua efemeridade. O foco inicial foi como as intervenções urbanas na cidade passaram por uma legitimação do poder público a partir da indicação de onde essas intervenções aconteceriam e do patrocínio de eventos de pintura da paisagem do Túnel da Conceição pela Prefeitura de Porto Alegre. Problematizamos esse processo a partir de três eventos que consideramos essenciais para compreender o *graffiti* em Porto Alegre.

Palavras-chave: Paisagem Urbana; *Graffiti*; Etnografia; Práticas do Espaço.

Abstract: The research is a reflection on how the practice of *graffiti* has been interfering in the landscape of the city of Porto Alegre (RS). Interventions are taken as marks that carry and transmit the individuals experience in the city. The initial focus was to reflect on how urban interventions in the city went through a government legitimation due determination of where these interventions happen and support of *graffiti* events by Porto Alegre Prefecture. The process is studied from three events that we consider essential for investigate *graffiti* in Porto Alegre.

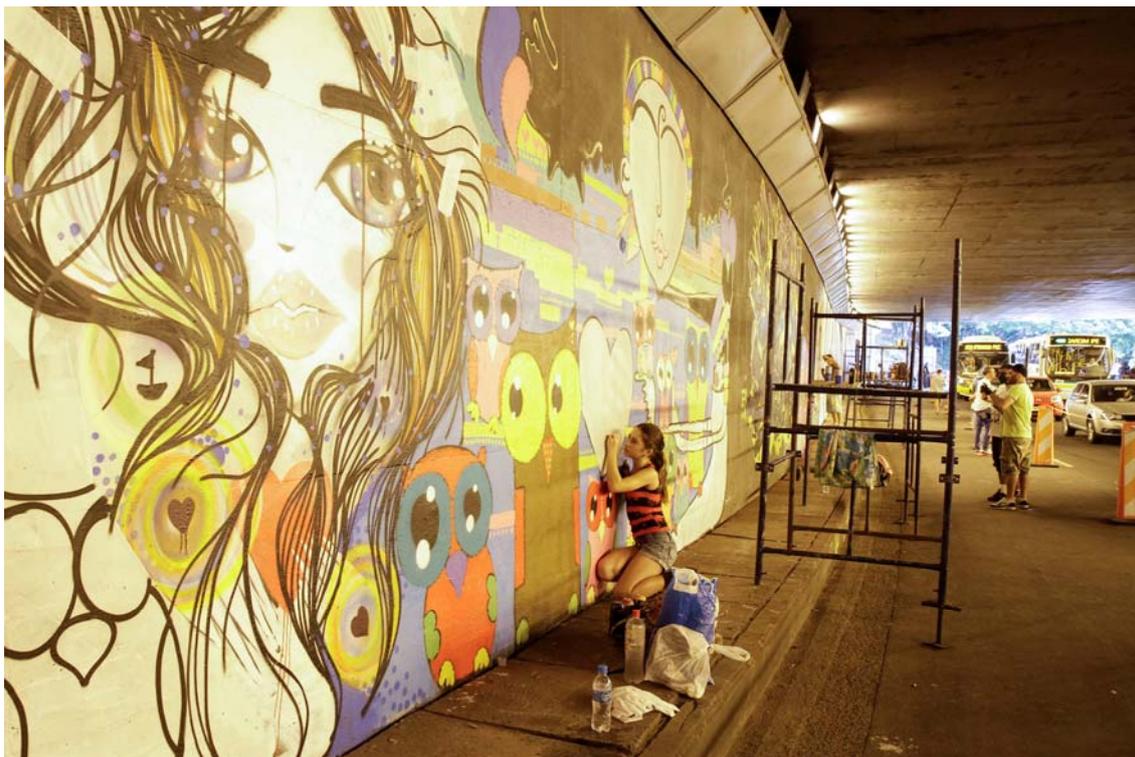
Key words: Urban Landscape; *Graffiti*; Ethnography; Spatial Practices.



* ANANDA ANDRADE DO NASCIMENTO SANTOS é Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



** MARIZE SCHONS é Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Ação de Graffiti no Túnel da Conceição. Foto: Cristine Rochol/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Introdução

A presente pesquisa tem por escopo o estudo das últimas intervenções de *graffiti* no Túnel da Conceição, tomando por principais marcos três situações. Em junho de 2010, os muros ainda cinzas do túnel foram local do protesto de estudantes que, em vez de tinta, usaram vassouras, água e detergente para escrever a mensagem “Por uma Porto Alegre limpa” a partir da limpeza da fuligem acumulada. O protesto foi reprimido, os jovens chegaram a ser algemados pela Brigada Militar por serem considerados pixadores. Após justificarem que estavam, na verdade, limpando o túnel, o protesto foi autorizado e acompanhado pela BM.

De 14 a 16 de março de 2014, o Túnel da Conceição recebe o evento *Meeting of Styles*, patrocinado pela Secretaria Municipal da Juventude e contando com todo o suporte da prefeitura de Porto

Alegre, que chegou a realizar alterações no trânsito local durante os três dias do evento, quando houve redução de velocidade, sinalização para o evento e monitoramento da EPTC (Empresa Pública de Transporte e Circulação). O evento contou com curadoria do Núcleo Urbanóide e mais sessenta grafiteiros, sendo quarenta brasileiros e vinte estrangeiros, e coloriu todo o túnel no sentido bairro-centro.

De 31 de maio a 1 de junho do mesmo ano, o sentido oposto do Túnel da Conceição (centro-bairro) recebeu a ação “Todos os Povos. Todas as Cores. Nossa Cultura”, realizada também pela Prefeitura de Porto Alegre na figura da Secretaria Municipal da Juventude (SMJ), em parceria com a União Estadual dos Estudantes (UEE), e executada pelo Núcleo Urbanóide e artistas convidados do estado e do Brasil. Foram ao todo oitenta grafiteiros envolvidos no evento. O evento, assim

como o MOS, provocou alterações no trânsito local e recebeu total suporte da Prefeitura.

Foi importante, para essa pesquisa, perceber esses eventos como tentativa de agenciamento e controle da paisagem humana na cidade de Porto Alegre. O discurso da SMJ, que apontou e amplamente divulgou o evento como cenário artístico e os grafiteiros como artistas, é uma legitimação que, ao mesmo tempo, deslegitima e aponta como vandalismo e lixo a ser exterminado toda e qualquer intervenção não-autorizada pela Prefeitura. Isso denota uma cidade-conceito projetada e utópica, que não resiste às práticas e táticas microbianas e teimosas da experiência dos indivíduos. (CERTEAU, 1994) Esses deslocamentos e descontinuidades, que interferem em uma paisagem compartilhada cotidianamente por milhares de transeuntes, são problematizados nessa pesquisa.

A busca por investigar o *graffiti* e por essas minúcias e práticas da vida cotidiana, vislumbradas por Certeau, se deu a partir da etnografia de rua, a qual Eckert e Rocha (2013) definiram como a “[...]exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento às variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos.” (ECKERT; ROCHA, 2013:31) Busco também um afastamento de uma visão macrossociológica, pensando e problematizando o espaço urbano que enxergo e ocupo, estando sensível às narrativas do tempo narrado e do tempo vivido, como indica Sansot (1986), fazendo um esforço intelectual no sentido de trazer a estética da memória para a etnografia e pensando a territorialidade do lugar estudado (no

caso o Túnel da Conceição) como uma dimensão que envolve pertencimentos.

Essa pesquisa faz parte do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Núcleo de Pesquisa sobre Culturas Contemporâneas (NUPACS) a partir da orientação da Prof. Doutora Cornelia Eckert, coordenadora do Núcleo da Antropologia Visual (NAVISUAL).

A cidade e a paisagem praticada

A cidade não é um fenômeno exclusivamente físico ou um objeto antropológico, é um fenômeno de tempo (MACEDO, 1999). Portanto, Porto Alegre¹ é apresentada como um organismo dinâmico, construída a partir de suas relações sociais e da memória coletiva. O Túnel da Conceição – obra que teve início na década 1970 e que integra um conjunto de intervenções urbanas, faz parte da Primeira Perimetral, uma das maiores obras viárias da história da cidade e que marca um amplo processo de urbanização e modernização no século XX.² Entretanto, esse espaço da cidade não é simplesmente uma paisagem baseada na matéria terrestre, mas sim no arranjo estético de uma experiência de mundo que pertence ao domínio do imaginário (ECKERT; ROCHA, 2012).

Nesse sentido, pensamos a cenografia urbana para além de ideologias do progresso e da fixidez limitadora da cidade racionalizada, como algo móvel e movediço, o que torna a experiência humana na cidade contemporânea um complexo impossível de traduzir, em

1 Capital do Estado do Rio Grande do Sul na região Sul do Brasil.

2 Fonte: Prefeitura de Porto Alegre (http://www.novotunel.com.br/default.php?p_secao=10) Último acesso: 19.11.14.

sua totalidade, para um exercício de pesquisa, mas como possível de rastrear através de suas rasuras e restos.

A partir do estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo, esse dossiê pretende resgatar os enunciados semânticos para constelar as imagens de uma Porto Alegre vivida e lembrada (ECKERT; ROCHA, 2013) através das narrativas de grafiteiros e como esses interagem cotidianamente nesse espaço da cidade.

Dessa forma, os grafiteiros são habitantes e narradores em potencial das experiências vividas no espaço urbano, e o Túnel da Conceição é como um lugar da transmissão de saberes e práticas da *street art*. Os laços sociais criados entre atores produzem a duração (BACHELARD, 2001) de um cotidiano específico, das formas de emancipação na cidade e das dimensões simbólicas das ações dos cidadãos.

A partir dos jogos de dominação social, intervenção estatal (ARANTES, 2000), tensões entre valores globais e locais (OLIVEN, 1980) Porto Alegre é um espaço de conflitos, integrações e desterritorialização. Portanto o fenômeno urbano não apresenta uma unidade de sentido, mas sim formas plurais de construção de tempos sociais vividos na cidade. Na pesquisa com memória coletiva e no ato de estranhamento e admiração durante o trabalho de campo é possível interpretar as metrópoles contemporâneas através dos subterfúgios dos seus habitantes (ECKERT; ROCHA, 2013) onde os indivíduos se apropriam de um mundo comum porém simbolicamente diverso.

Pintando a cidade: intervenções no túnel da conceição e na paisagem urbana

O Túnel da Conceição é um túnel brasileiro localizado no centro da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. É composto por um vão subterrâneo em cima de outro, um para cada sentido do tráfego. As obras de construção do túnel começaram em 1970 e integravam um conjunto de intervenções urbanas realizadas na gestão do prefeito Telmo Thompson Flores. Construído em concreto armado, o túnel foi concluído e entregue à população em 8 de agosto de 1972, para fazer a ligação entre a elevada da Conceição e a avenida Osvaldo Aranha.

O túnel sofreu a ação do tempo, apresentando corrosões, água acumulada nas cortinas de concreto entre outros problemas. Em 2010, foram iniciadas as obras de revitalização do túnel, ação contida nas melhorias na mobilidade urbana previstas pela Prefeitura de Porto Alegre para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, da qual foi uma das cidades-sede.

No mesmo ano de 2010, alguns estudantes fizeram um protesto no túnel. Foi grafada a frase “Por uma Porto Alegre limpa” no túnel, as ferramentas utilizadas não foram *sprays* ou pincéis, mas sim vassouras, sabão e escovões. A limpeza da fuligem acumulada, difícil de ser detectada por ter cor cinza semelhante à do concreto, formava a frase. Os estudantes foram abordados pela Brigada Militar e pela Guarda Municipal, alguns chegaram a ser algemados por “pixação e vandalismo”, mas após esclarecerem que estavam, na verdade, limpando o túnel, foram liberados para realizar a intervenção com acompanhamento da BM e da Guarda Municipal. Essa intervenção teve bastante repercussão e

chegou a ser utilizada como referência no combate à pixação. Ao mesmo tempo, a reivindicação pela limpeza do túnel entrou com maior força no que se pretendia como revitalização do túnel.

Nesse sentido de revitalização, pode-se dizer que há uma tendência em todo o Brasil, a partir do fim da década de 1990, de diferenciar e legitimar o graffiti enquanto arte e embelezamento das ruas ao mesmo tempo que uma forma de combater a pixação e “converter” pixadores em artistas. Ficaria cada vez mais comum enxergar muros de escolas e outras instituições públicas com intervenções, na maioria das vezes articuladas por ONG's (Organizações Não-Governamentais) ou Centros Culturais nos anos seguintes.

A Lei dos Crimes Ambientais de 1998 previa sanções à pixação e ao graffiti, com pena de detenção de três meses a um ano e multa. Em 2011, a Presidenta da República sancionou o Projeto de Lei 7006/2007 que, mesmo sem definir juridicamente pixo e graffiti, crava uma diferenciação entre as duas práticas e descriminaliza o graffiti, apontando que esse tem objetivo de valorizar e revitalizar os espaços da cidade com autorização do proprietário ou agente público, sendo, assim, classificado como “expressão artística.” Nos termos de Luiz Flávio Borges D'Urso, advogado criminalista e ex-presidente da Seção de São Paulo da Ordem dos Advogados (OAB SP) (D'Urso, 2011):

A legislação atual já enfrenta um cenário confuso que limita sua eficácia. Antes da Lei 9.605/98, as práticas eram punidas conforme o artigo 163 do Código Penal, como dano ao patrimônio. A norma em vigor desde 1998 cita as práticas, mas sem defini-las, afirmando ser um delito “pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano”. Não se

define se são feitas com tinta ou por outro meio. O verbo “conspurcar” no âmbito da lei dá ideia de “sujar” ou “manchar”, o que exclui outros tipos de vandalismo da tipificação de delito. A norma atual também não é eficaz em relação ao bem jurídico protegido. Enquanto o Código Penal fala de proteção do “patrimônio”; a Lei 9.605/98 busca preservar o ordenamento urbano. No primeiro caso, a ação penal dependeria da iniciativa da vítima, proprietária do patrimônio (exceto patrimônio público), e no segundo, a legitimidade para mover a ação seria do Ministério Público.

Em Porto Alegre, no ano de 2005 a então vereadora Manuela d'Ávila, do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) colocava em tramitação o projeto de lei do “Programa Municipal do Grafite – Embelezando a Cidade”, que consistia em utilizar os “espaços urbanos, cedidos temporariamente por seus proprietários, para a prática do graffiti. Entre os objetivos listados no projeto estão incentivo a essa prática visando a desmarginalização dessa arte; embelezamento da cidade; estímulo às práticas do graffiti consciente e autorizado; e fomento ao debate sobre o problema do patrimônio, urbanismo e história.” Segundo d'Ávila, a importância do projeto residiria em “canalizar o potencial artístico dos artistas jovens grafiteiros, inclusive evitando que os mesmos pratiquem a infeliz prática de pixação.”

De acordo com o projeto de lei, que não chegou a ser aprovado, ficaria liberado o uso dos viadutos e muros de escolas públicas municipais para a grafiteagem, mediante a projetos a serem elaborados pelos interessados em realizar a prática e à apreciação e aprovação da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

Apesar de não se ter uma real atuação do projeto na época, já era possível enxergar uma enorme afirmação da dicotomia entre *graffiti* e pixação no discurso do poder público. Ao mesmo tempo que legitimava-se o *graffiti* enquanto arte, apontava-se que a pixação era o sujo, o criminoso e tudo que está mais à margem. Se, na época, a legislação ambiental vigente no país ainda não diferenciava pixação de grafite, em Porto Alegre a dicotomia já era presente tanto no plenário quanto no discurso midiático.

Também em 2005 é criada a Secretaria Municipal da Juventude, mediante a demanda da “complexidade das questões relacionadas à população com idades entre 15 e 29 anos e sua importância na sociedade.”¹ As intervenções na paisagem da cidade, realizadas em maior parcela por corpos juvenis (DIÓGENES, 2003) seria uma das principais complexidades da qual a Secretaria viria a ocupar-se. A SMJ veio a realizar vários eventos nesse sentido, como o *1º Festival de Arte Urbana* e a *1ª Conferência Municipal de Grafite*. Sobre esses eventos, o secretário municipal da juventude, Luizinho Martins, argumenta que:

O grafite é uma forma de manifestação urbana que dá um novo colorido aos espaços públicos. O Festival e a Conferência Municipal do Grafite consolidaram a arte urbana em Porto Alegre. O poder público precisa incentivar a criatividade dos nossos jovens e eventos deste porte são fundamentais para diferenciar a arte de qualidade e colorida, do feio e sujo vandalismo da pichação.

1 Fonte: Apresentação da Secretaria Municipal da Juventude de Porto Alegre. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smj/default.php?p_secao=49> Último acesso: 26.06.2013.

Foi com esse mesmo discurso que a SMJ veio apresentar quando patrocinou o evento *Meeting of Styles*, em março de 2014 e o "*Todos os Povos. Todas as Cores. Nossa Cultura*" entre maio e junho do mesmo ano. O *Meeting of Styles* é um festival internacional de *street art* itinerante que percorre diversos países para apresentar as diferentes facetas da arte de rua. O MOS nasceu na Alemanha, em Wiesbaden, no início dos anos 1990 e já passou por países como China, França, Grécia, Itália, Espanha, Holanda etc. Em Porto Alegre, o evento teve curadoria do Núcleo Urbanóide, um importante coletivo que atua na cidade através de oficinas entre outras ações.

É importante notar que a Prefeitura de Porto Alegre divulgou em seu site o evento como "*Meeting of Styles: arte urbana de grafiteiros contra a pichação*", ao passo que os representantes do evento mundialmente não se posicionam contrários à pixação, nem reiteram ou fortificam a dicotomia e o antagonismo entre pixação e *graffiti*. O MOS foi, de certa forma, ressignificado pela SMJ. As outras edições, realizadas em países onde as fronteiras entre *graffiti* e pixação não são tão demarcadas no discurso do poder público e dos cidadãos em geral quanto no Brasil, não tiveram o caráter de ativismo contra a pixação que o evento adquiriu por intermédio da SMJ.

A intervenção "*Todos os Povos. Todas as Cores. Nossa Cultura*", também patrocinada pela Prefeitura de Porto Alegre através da SMJ, foi responsável pela pintura do entorno das escolas de samba na região do Estádio Beira-Rio, dos pilares do antigo Aeromóvel e também sentido oposto do Túnel da Conceição (centro-bairro). A intervenção contou com oitenta grafiteiros, muitos deles convidados de

outras cidades do Brasil.

Essa ação, que também teve curadoria do Núcleo Urbanóide, foi igualmente apropriada pela SMJ como um modo de positivar o *graffiti* enquanto arte de rua a serviço do embelezamento da cidade e do “resgate” de jovens da prática delituosa da pixação.

A diferenciação entre *graffiti* e pixação é bem mais controversa e fluída no discurso dos próprios grafiteiros/pixadores. No trabalho de campo desenvolvido durante o evento, em interlocuções com os participantes, essas fronteiras eram questionadas, muitas vezes não eram contempladas pela experiência dos interlocutores na *street art*. Muitos vinham da pixação e, de certa forma, permaneciam, uma vez que a trajetória de um grafiteiro/pixador não é fixa. Ao contrário do que é utopicamente e amplamente compartilhado pelo discurso do poder público e da mídia, não existe um trajeto padrão a ser seguido, onde o pixador inicia no “vandalismo” e é convertido em “artista” através do *graffiti*.

Problematizando as declarações feitas pelos interlocutores sobre as fronteiras entre *graffiti* e pixação, penso que é necessário um retorno às ideias de Silva (2011), que afirma que:

Se para o senso comum as diferenças entre grafite e pichação não são claramente demarcadas, para os sujeitos grafiteiro e pixador as fronteiras entre as duas atividades estão bem delimitadas e é por meio dessas diferenças que um grafiteiro pode grafitar à luz do dia enquanto para o pichador isso se tornaria mais difícil. (SILVA, 2011: 4)

Concordo com Silva sobre as maiores dificuldades para o pixador realizar sua ação à luz do dia, no entanto, tanto

pixação quanto *graffiti* envolvem táticas e estratégias de ser e estar na paisagem da cidade. Além disso, penso que as fronteiras entre as práticas, partindo do discurso dos interlocutores, são bem mais borradas.

É importante não enxergar o pixador e o grafiteiro como extremos opostos, uma vez que as práticas se misturam e se confundem pelos muros da cidade e que muitos pixadores, que podem até profissionalizar-se como grafiteiros, não abandonam a antiga prática. Não se pode cristalizar a trajetória dos sujeitos em dicotomias sem enxergar as complexidades e hibridismos das trajetórias, projetos e experiências individuais (VELHO, 2013) nas práticas de intervenção na paisagem da cidade.

Considerações

As paisagens humanas na cidade são atravessadas por experiências e projetos diversos. Semelhante às imagens sonoras incontroláveis típicas de uma grande cidade, com ruídos de trânsito veículos, indivíduos e sociabilidades, a dimensão visual da cidade, ainda que em disputa, não é controlada ou hegemônica pelo poder público. O *graffiti* e a pixação, componentes importantes dessa paisagem, envolvem processos que vão muito além do que as instituições pensam para eles.

É inevitável perceber a importância desses projetos executados pela Prefeitura de Porto Alegre através da Secretaria Municipal da Juventude para o circuito do grafite. A experiência do Túnel da Conceição é válida para ocupar espaços ociosos da cidade e o apoio dos órgãos públicos é essencial para a viabilização destes.

No entanto, é preciso também perceber e problematizar que a partir do momento em que a Prefeitura e a SMJ

demarcam que o espaço do *graffiti* é o Túnel da Conceição, também afirma o lugar a que a prática não pertence: todo o resto da cidade que não está no catálogo de “revitalização e embelezamento” da cidade.

Ao mesmo tempo, a legitimação das ações baseadas no combate à pixação reafirma e reproduz dicotomias que nem sempre são compartilhadas com os praticantes do *graffiti*/pixação, uma vez que muitos deles iniciam e permanecem no circuito da pixação e transitam livremente entre ambos. É ilusório pensar que o *graffiti* é uma prática que servirá, a partir dos incentivos em forma de eventos, apenas ao interesse público de expulsar a pixação da cidade, como por um exorcismo. Através dessas tintas, sejam elas do *graffiti* ou da pixação, também está uma “escrita de si” (FOUCAULT, 2006) associadas à táticas e práticas que não tem nenhum compromisso com o discurso do poder público.

Esse agenciamento totalizante e utópico reforçado pela dicotomia *graffiti*/pixação é ineficaz nos propósitos da Prefeitura e da SMJ, sendo facilmente percebido em situações como a pixação do Túnel da Conceição (sentido bairro-centro) menos de um dia após a sua finalização. As ações de patrocínio a eventos de *graffiti* e até mesmo um “Disque-Pichação”² funcionando na cidade de Porto Alegre 24 horas por dia e sete dias por semana não impedem as intervenções. As pixações continuam, e devem continuar por muito tempo, em locais de prestígio e grande visibilidade na cidade.

2 O serviço oferecido pela Secretaria Municipal de Segurança (SMSEG) funciona através do telefone 153. É possível realizar, 24 horas por dia, denúncias de ações de pixações na cidade de Porto Alegre.

Foi importante, também, que a Secretaria Municipal de Cultura não tem vinculação nenhuma com as ações de *graffiti* realizadas na cidade, que ficam a cargo apenas da Secretaria Municipal de Juventude, que tem no *graffiti* uma das suas maiores ações, tendo centralidade no combate à pixação na atual gestão municipal. A SMC traz projetos relacionados a temáticas como música, literatura e pintura, que são ampla e socialmente compartilhadas enquanto cultura. O *graffiti*/cultura de rua não são associados, de forma alguma, a essa Secretaria.

É levado em conta o fato de o *graffiti* ser um fenômeno majoritariamente juvenil, mas penso que a dimensão da cultura de rua (que engloba *graffiti*, *hip hop* e outros elementos) deveria também estar associada à SMC, no sentido de percebê-la como tão importante quanto aquilo que está dentro dos museus e teatros. Esse sutil fato fala muito de como a prática vem sendo enxergada como certa ilusória “domesticação” e agenciamento das práticas de intervenção na paisagem urbana.

Referências

- ARANTES Neto, Antonio A. **Paisagens Paulistanas**. Transformações do espaço público. Campinas: Unicamp, 2000.
- BACHELARD, Gastón. **O Ar e os Sonhos**. Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DIÓGENES, Glória. **Itinerários de Corpos Juvenis** – a festa, o jogo e o tatame. São Paulo: Annablume, 2003.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

_____. **Antropologia da e na cidade.** Interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavivisual, 2012.

_____. **Etnografia de Rua:** Estudos de Antropologia Urbana. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

_____. **Etnografia de Duração.** Porto Alegre: UFRGS, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MACEDO, Francisco Riopardense. **Porto Alegre: Origem e Crescimento.** Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1999.

OLIVEN, Ruben G. **Urbanização e mudança social no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1980.

SANSOT, Pierre. **Une étude attentionnée d'un fragment urbain. In: Les formes sensibles de la vie sociale.** Paris, PUF, 1986.

SILVA, Lara D. O. **A relação do indivíduo-cidade na experiência juvenil no grafite.** Artigo apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 2011.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade:** Ensaios de Antropologia Urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

INTERNET

D'URSO, Luiz Flávio Borges. Uma lei para separar pichação e grafite. In: Seção de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil. Acesso em: 27.06.2014.

(OAB SP), 2011. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/palavra-do-presidente/2011/145>. Acesso em: 27.06.2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Fone 153: Disque-Pichação agiliza combate ao vandalismo. 07.08.2014. Disponível em:

<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smseg/default.php?noticia=171600&FONE+153:+DISQUE-PICHACAO+AGILIZA+COMBATE+AO+VANDALISMO>. Acesso em: 27.06.2014.

_____. Apresentação da Secretaria Municipal da Juventude de Porto Alegre. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smj/default.php?p_secao=49. Acesso em: 26.06.2013.

ZERO HORA. Porto Alegre, 18 de março de 2014. Transformado em galeria por grafiteiros, Túnel da Conceição é pichado em Porto Alegre. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/03/transformado-em-galeria-por-grafiteiros-tunel-da-conceicao-e-pichado-em-porto-alegre-4450043.html>

Recebido em 2014-11-21
Publicado em 2014-12-10